



Índice

- 01** Território do povo Pukobjê-Gavião sofre nova invasão, após saída da Polícia Federal
- 02** Índio Tuyuka estupra menina de 9 anos
- 03** Índios Tembé desenvolvem projeto de piscicultura em Tomé-Açu, PA
- 04** Índios alcoolizados dirigem na contramão e causam acidente fatal no interior de SP
- 05** Índios reivindicam demarcação de território em área ocupada no Oeste
- 06** Qual será o futuro das lideranças indígenas na nova gestão de Jorge Pontes
- 07** Setores discutem segurança pública nas aldeias indígenas em Dourados
- 08** Começa demarcação de área dos quilombolas em Vila Bela
- 09** Exposição retrata a vida das comunidades quilombolas do Estado
- 10** Navio da Marinha irá atender famílias ribeirinhas de Cuiabá



Território do povo Pukobjê-Gavião sofre nova invasão, após saída da Polícia Federal
SÍTIO CIMI, 22.01.2013

A situação é grave na terra indígena Governador, em Amarante do Maranhão. Lideranças indígenas do Povo Pukobjê-Gavião denunciam que madeireiros voltaram a invadir a área na manhã do dia 20, após a saída da Polícia Federal.

Na noite do dia 20, os indígenas realizaram mais uma operação de combate à invasão dos madeireiros: “Ficamos até uma e meia da manhã esperando os madeireiros, mas eles saíram por uma das estradas que vai ao povoado do centro do Zeca. Nossa área está cheia de estradas clandestinas. Elas estão sendo usadas pelos madeireiros”.

Como última tentativa de impedir a invasão às suas terras, as lideranças indígenas estão falando em montar barreiras para impedir a entrada dos madeireiros: “Não vamos aceitar mais a presença dos madeireiros invadindo nosso território. Estamos dispostos a dar nossa vida para tirar madeireiro de dentro de nosso território”.

A comunidade está desprotegida e com muito medo. Na noite do dia 19, madeireiros novamente cortaram a energia, desta vez da Aldeia Nova, e colocaram tábuas cheias de pregos na estrada próxima à entrada da aldeia. A comunidade tem solicitado providências aos órgãos competentes, visto que a aldeia está às escuras.

Em represália à fiscalização e apreensão de caminhões e de um trator dentro de território indígena, alguns comerciantes de Amarante do Maranhão ligados aos madeireiros se recusam a vender alimentos aos indígenas, embora muito destes estejam de posse de cartões de aposentadoria e/ou Bolsa Família dos indígenas.

Caciques vêm recebendo ligações anônimas diariamente com ameaças de morte e avisos de que as aldeias serão invadidas a qualquer momento. Indígenas têm sido constrangidos a não sair de suas aldeias: “Não quero ver a cara de índio na cidade de Amarante”.

Mesmo diante de todas as ameaças, o povo Gavião está determinado a defender seu território: “O nosso objetivo é de defender terra indígena Governador. Todos os madeireiros foram avisados, não foi por falta de aviso”.

A invasão dos territórios indígenas é uma realidade cotidiana no município de Amarante do Maranhão, bem como em todas as terras indígenas no Estado. Os povos Tentehar/Guajajara, Krikati e os Pukobjê-Gavião têm denunciado invasões desde 2011. Segundo Thaís Dias Gonçalves, Coordenadora Geral de Monitoramento Territorial da Funai, é no Maranhão onde a Funai encontra os maiores problemas para proteger as terras indígenas: “Das 20 áreas mais desmatadas em 2011, cinco eram no Maranhão” (O Globo, 29/12/2012).

A situação de invasão dos territórios dos povos indígenas demonstra a falta de um plano de vigilância por parte dos órgãos responsáveis em proteger os territórios indígenas.



Índio Tuyuka estupra menina de 9 anos

SÍTIO EMTEMPO, 22.01.2013

Policiais do Batalhão Ambiental prenderam o indígena Jocivan Fernandes Meira, 18, por volta das 13h desta segunda-feira (21), suspeito de ter estuprado uma criança de apenas nove anos. O crime aconteceu na comunidade do Tupé, nas margens do Rio Negro, em frente a Vila do Paricatuba.

Conforme relatos da mãe da menina, uma indígena da etnia Desana, 30, a criança foi surpreendida pelo acusado quando voltava de um banheiro, na parte externa de sua residência. "O rapaz tapou a boca dela e a levou para a praia do Tupé, onde manteve relações sexuais com minha filha", disse.

Depois de consumir o ato, Jocivan ameaçou de morte a menina. Quando chegou a sua casa a vítima começou a se sentir mal e estava sangrando em suas partes íntimas. "Tive de dar remédio para dor porque ela reclamava muito e estava com forte febre", disse a mãe da menina.

O rapaz confessou o crime e disse que manteve relações com a menina porque ela costumava paquerá-lo. "Só fiz isso porque ela me deu bola, então pensei que pudesse namorar com ela", disse o acusado.

Revoltada, a mãe do indígena acusado disse que é comum índios manterem relações sexuais com outras índias.

O rapaz foi encaminhado à Delegacia Especializada em Proteção a Criança e ao Adolescente (Depca), em Manaus. De acordo com a assessoria de imprensa da Polícia Civil, o rapaz assinou a um Termo Circunstancial de Ocorrência (TCO) e foi liberado, mas foi aberta investigação para apurar o caso.

A polícia solicitou exame de conjunção carnal para saber se de fato o rapaz cometeu o estupro. O laudo sai em no máximo 30 dias.

Moram na comunidade aproximadamente 60 indígenas de várias etnias, dentre elas Tuyuka e Desana.



Índios Tembê desenvolvem projeto de piscicultura em Tomé-Açu, PA

SÍTIO G1, 22.01.2013

A comunidade da reserva Turé-Mariquita, localizada em Tomé-Açu, nordeste do Pará, está engajada na atividade de piscicultura. Indígenas Tembê vão iniciar a produção de pescado em cativeiro e contam com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (Emater) durante o processo. Nesta quarta-feira (23), técnicos da Emater seguem até o município de Concórdia do Pará, onde serão adquiridos os alevinos, sendo cinco mil da espécie tambaqui e dois mil de curimatã.

Desde novembro passado foi iniciada a escavação de um tanque que mede 360 metros quadrados. O povoamento deve acontecer até o final deste mês. O primeiro ciclo produtivo deve durar 12 meses. Em fevereiro, iniciará o período de engorda e espera-se que após oito meses seja realizada a primeira despesca.

Doze famílias estão envolvidas na atividade. "Este é um projeto que vai beneficiar toda a comunidade. E caso se comprove a qualidade da proteína animal, a intenção é que a produção de peixe sirva tanto para abastecer o mercado local quanto para ser adquirida pela própria Biopalma. Comercialização garantida", explica a engenheira de pesca Ana Júlia Amâncio.

Segundo a engenheira, o diferencial está em consorciar duas espécies com funções complementares. "O tambaqui é a espécie principal, pelo maior valor no mercado, já o curimatã servirá de bioindicador, por se alimentar da matéria orgânica, o que garantirá a qualidade da água", afirmou.



Índios alcoolizados dirigem na contramão e causam acidente fatal no interior de SP
SÍTIO UOL, 22.01.2013

Um carro com três índios da etnia terena, alcoolizados, causou um grave acidente na madrugada do último domingo (20) que provocou a morte de um homem. O Fiat Uno dirigido por um dos índios — nenhum deles assumiu estar na direção no momento do acidente — transitava pela contramão da rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, quando no quilômetro 376, em Duartina (367 km de São Paulo), colidiu frontalmente com a Variant conduzida por Miguel Galhardo Pires, 56. Com a batida, os carros pegaram fogo. Pires ficou preso nas ferragens e morreu carbonizado. Os três índios, todos moradores na aldeia Ekeruá, localizada na cidade de Avaí (367 km de São Paulo), foram levados com ferimentos leves ao Pronto Socorro de Bauru (329 km de São Paulo), onde policiais rodoviários que acompanhavam a ocorrência fizeram o teste do bafômetro (etilômetro), que indicou que os três haviam ingerido bebida alcoólica em níveis superiores ao permitido por lei. O delegado Antônio Augusto de Campos Lima, de Duartina, instaurou inquérito para apurar quem conduzia o veículo e por que ele transitava na contramão de direção em uma rodovia que é duplicada. "Ainda no Pronto Socorro, os índios apontavam-se mutuamente como condutor na hora do acidente.



Índios reivindicam demarcação de território em área ocupada no Oeste

SÍTIO TERRA, 22.01.2013

Após os índios que ocupam terras no oeste do Paraná exigirem a demarcação de um território de 100 mil hectares, o clima entre eles, os fazendeiros e os prefeitos da região ficou tenso. O outro lado critica a proposta de demarcação, pois tomaria 10% das terras destinadas para agricultura.

Os guaranis dizem que as terras já eram deles no passado e prometem resistir. Já os fazendeiros afirmaram que nunca houve aldeias na região e querem continuar produzindo com tranquilidade nas terras. Eles também alegam que a Fundação Nacional do Índio (Funai) e os caciques estão trazendo índios paraguaios para ocupar terras brasileiras. "Está aumentando índio. Está vindo índio do Paraguai. São paraguaios", diz um agricultor.

A Funai já encomendou um estudo para avaliar a demarcação do território almejado pelos índios, mas o trabalho foi interrompido e não há prazo para que seja retomado.

De acordo com a Funai, em Guaíra e Terra Roxa, são 13 áreas ocupadas pelos índios. Contudo, os fazendeiros dizem que são, pelo menos, 16 ocupações em áreas públicas e particulares. "A gente está simplesmente procurando um espaço para a gente prosseguir com a nossa cultura", assegurou o cacique de uma aldeia.

Segundo a prefeitura de Guaíra, as ocupações começaram em 2006, quando índios de Mato Grosso do Sul e do Paraguai teriam cruzado a fronteira em busca, principalmente, dos programas sociais oferecidos no lado brasileiro.

O prefeito de Guaíra, Fabian Vendruscolo, formou um grupo de trabalho para administrar a situação. Ele vai marcar uma reunião com caciques, representantes da Funai e com fazendeiros para tentar impedir conflitos e encontrar soluções.



Qual será o futuro das lideranças indígenas na nova gestão de Jorge Pontes

SÍTIO TOP, 22.01.2013

A pergunta mais comentada no distrito de Coroa Vermelha em Santa Cruz Cabralia, é "Qual será o futuro das lideranças indígenas Carajá, Guiu e Loro?", fiéis escudeiros na campanha vitoriosa do atual prefeito Jorge Pontes (PT), com a grande ajuda desses líderes Jorge conseguiu grande parte de seu votos dentro da comunidade indígena de Coroa Vermelha, e será que o prefeito petista está sendo generoso e está retribuindo á altura as lideranças que o apoiaram e ajudaram o prefeito a vencer nas urnas nas eleições de 2012?

Grande parte da comunidade indígena comenta que após a vitória de Jorge Pontes, algumas lideranças indígenas foram escanteadas pelo atual gestor.

Será que já está começando o segundo racha da nova gestão petista?

Agora é esperar para ver oque vai acontecer nos próximos dias.



Setores discutem segurança pública nas aldeias indígenas em Dourados

SÍTIO UOL, 22.01.2013

Autoridades políticas, policiais, membros de órgãos sociais e lideranças comunitárias se reuniram na manhã desta terça-feira, em Dourados, com o objetivo de discutir novos planos de segurança pública na Reserva Indígena do município. O evento foi realizado na Escola Municipal Tengatui Marangatu, na Aldeia Jagupirú.

Estiveram presentes o coordenador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Dourados, Vander Nishijima, o vereador indígena Aguilera de Souza, as polícias Federal, Militar, Civil e Força Nacional de Segurança, além de representantes da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e do Centro de Referência da Assistência Social (Cras).

“Contamos com o apoio de todas as entidades para elaborarmos um plano que garanta a tranquilidade dos moradores da comunidade indígena”, disse Nishijima. “A aldeia passa por sérios problemas, e a segurança é um dos principais. Temos que olhar com mais atenção para esta região e cobrar ações por parte dos órgãos competentes”, explicou o vereador Aguilera.



Começa demarcação de área dos quilombolas em Vila Bela

SÍTIO SOCIOAMBIENTAL, 22.01.2013

Vila Bela da Santíssima Trindade vai ser o primeiro município de Mato Grosso a ter área quilombola demarcada. Empresa contratada por meio de licitação pelo Incra (Instituto Nacional de Reforma Agrária) começou a elaborar o Relatório Antropológico, que é o primeiro passo para delimitar uma área de 40 mil hectares, onde vivem cerca de 600 famílias.

Esse procedimento é a primeira etapa para o Relatório Antropológico de Identidade que, junto com o laudo, formam o estudo final para demarcação. Essa etapa dura cerca de seis meses. A expectativa é que até fim deste ano a área já esteja delimitada.

Segundo um dos membros da Associação dos Remanescentes do Vale do Guaporé – Bela Cor (Vila Bela), Hélio da Silva, a área de Mata Cavalo, em Poconé (102 km de Cuiabá), saiu na frente para demarcação, mas em virtude de problemas na documentação, está com o processo parado.

Silva explica que no início de 2011, a presidenta Dilma Rousseff (PT) determinou a demarcação de áreas quilombolas em todo Brasil. Porém, servidores do Incra entraram em greve, o que provocou atraso na licitação para contratar empresa de demarcação.

Funcionários da empresa vencedora da licitação, segundo Silva, estiveram em dezembro no município e entraram em contato com a associação para avisar que as entrevistas de elaboração do primeiro relatório começam nesta penúltima semana de janeiro.

A comunicação desse marco histórico dos quilombolas em Mato Grosso foi feita por Silva ao deputado estadual Airton Português (PSD), nesta segunda-feira (21/01). O parlamentar, que é um dos representantes políticos de Vila Bela, disse que a decisão da presidente da República, Dilma Rousseff, em delimitar a área dos quilombolas é de muita relevância para o Brasil, principalmente aos verdadeiros donos dos quilombos.

“No país são milhares de remanescentes de escravos que têm direito às suas terras, herdadas de fato e agora de direito. Falta ainda avançar nas outras regiões, que também têm de ser demarcadas”, afirmou Português.

De acordo com o Ministério da Igualdade Racial, o Brasil tem 248 mil famílias com 1 milhão e 170 mil quilombolas em 24 estados. São 2002 comunidades certificadas, 1.767 possuem processos concluídos, 160 têm os relatórios antropológicos conclusos, 130 com Identidades prontas, mas apenas 194 áreas são tituladas.

Formam os quilombolas em Vila Bela sete comunidades aos quais são Mandioca Sequinha; Manoel Caetano; Manjolo; José Francisco; Barranco Alto (em litígio); Carlos Augusto e Porto Calvário.



Exposição retrata a vida das comunidades quilombolas do Estado

SÍTIO TERRA, 22.01.2013

Com fotografias de Sandro José da Silva, Domingos Firmiano e Bianca Blandino, a exposição fotográfica "O Corpo da Luta: A Experiência Quilombola no Espírito Santo" reúne 120 fotos que compõem um acervo originado do trabalho oito anos junto às comunidades quilombolas do Estado.

A oralidade dos quilombolas por meio de conversas, debates e mostra de filmes também será abordada. Além de acompanhar cronologicamente o cotidiano dos quilombolas, a exposição também retrata temas como trabalho, mulheres, manifestações políticas e organização política das comunidades.

Com a curadoria de Selma dos Santos Dealdina e expografia de João Pedro Gatti, a mostra fica aberta até o dia 13 de março.

Toda a mostra está contextualizada a partir do cotidiano das vilas quilombolas e da luta pela vida do povo quilombola, como conta o texto exposto no próprio folder do evento: "O corpo quilombola carrega as marcas da sua história. Sua origem e seu destino estão entrelaçados pelo dia a dia da vida, das lutas, das vitórias e desafios. O corpo é a identidade quilombola".

Exposição O Corpo da Luta: A Experiência Quilombola no Espírito Santo

Quando: de terça-feira a domingo, das 9h às 17h, até dia 13/03/2013

Local: Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas (Mucane). Av. República, 121, Centro, Vitória

Valor: Entrada franca

Mais informações: 9861-8344



Navio da Marinha irá atender famílias ribeirinhas de Cuiabá

SÍTIO , TERRA, 22.01.2013

Está ancorado na Marina Beira-Rio, no Rio Cuiabá desde a tarde deste sábado (19), o Navio de Assistência Hospitalar (NAsH) Tenente Maximiano (U-28), que deverá prestar auxílio médico até a próxima terça (22), com consultas e distribuição de medicamentos a população.

O Navio foi incorporado à Armada da Marinha do Brasil em 17 de março de 2009, na Base Fluvial de Ladário (MS), estando subordinado ao 6º Distrito Naval. Antes de ser adquirido pela Marinha, a embarcação tinha emprego civil em atividades de turismo e pesca amadora.

Tem a missão de levar saúde e qualidade de vida aos ribeirinhos da região do Pantanal do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul proporcionando assistência médico-hospitalar, odontológica e sanitária, aprimorando, ainda mais, as Ações de Assistência Cívico-Social (ACISO).>>>

Para ser adaptado a sua nova função, o navio passou por uma reforma estrutural, com a construção de centro cirúrgico, enfermaria, sala de esterilização, sala de expurgo, farmácia, laboratório, consultório médico, consultórios odontológicos e de um compartimento equipado com aparelho de raio-X, além de uma modernização nos sistemas de propulsão, de geração e distribuição de energia.

Essas operações são de extrema importância para as famílias que vivem em locais isolados e de difícil acesso.

O navio poderá, também, atender às necessidades de apoio logístico durante os deslocamentos das tropas que realizam operações na faixa de fronteira; contribuir com a patrulha naval; realizar operações de socorro e atividades de defesa civil; e auxiliar na implementação e na fiscalização do cumprimento de leis.

A incorporação desse navio representa um significativo incremento para a Estrutura Nacional de Defesa na região Centro-Oeste.

O navio leva o nome de um Pernambucano, natural da cidade de Bom Conselho, mas que viveu grande parte de sua vida na região do Pantanal, onde prestou serviços relevantes à sua Nação, no período em que serviu a Marinha do Brasil na área de jurisdição do Com6ºDN.

O Tenente Maximiano José dos Santos ingressou na Marinha do Brasil em 1913, como voluntário, aos vinte anos de idade.